

568. II, 10-2 — Memorial de D. Jerónimo de Meneses a D. João III no qual lhe expunha os serviços prestados. (1550). — *Papel. 2 folhas. Bom estado.*

Senhor

Eu tenho servido a el rrey nosso senhor na India em tantas cousas e tam diferentes que me pareceo necesario dar esta lenbrança a Vosa Merce de meus serviços e das rrezões que tenho pera me Sua Alteza fazer merce.

Indo pera Baçaim no mar me derão hũa carta do governador en que me dizia que acudise a Dio por ter novas que Dom Johão Mazcarenhas pelejara na cidade e nela ficava muita gente de guerra e assi ho fiz e por achar ja Dom Johão en paz me torney a Baçaim e asi como a guerra se começou dahi a poucos dias pudera ser então e eu ficara servindo Sua Alteza em Dio sem entrar em Baçaim e este fundamento fiz como ho governador me la mandou.

No começo do cerquo de Dio achei que tinha em Baçaim trezentos homens destes lhe mandey oitenta nos navios que vinhão de Guoa e nos que dahi la forão e mandey Greguorio de Vasconcelos por capitão d'oito ou nove velas que partião com gente e mantimentos e não tendo mais de vi[n]ta cinco pipas de polvora de bombardas e onze quaixões d'espingarda lhe mandey quinze pipas de polvora e sete quaixões e nisto tive o trabalho e pus a diligencia que diram hos que neste socorro forão e se vera polas cartas que ho governador m'escreveo de aguardcimentos e polas de Dom Johão Mazcarenhas.

Como se çarrou a barra e entrou ho inverno mandey homens por terra a saber novas do cerquo e hum destes mais ousado foy a nado ha fortaleza e deu hum escrito meu a Dom Johão e como ele soube que eu estava aparelhado pera ho socorrer mandou me hum catur pedindo me socorro. Fiz loguo prestes dezaseis velas en que hiam perto de quatrocentos homens com meu irmão Dom Francisco. A melhor gente nem mais escolhida que podia ser sem deixar comigo nenhum de conta e partio meu irmão no meio do inverno e no mar se topou com Dom Alvaro de Crasto e dahi por diante andarão senpre juntos e anbas as armadas com grandes tormentas arribarão algũas vezes a Baçaim honde com muito trabalho meu eram con tanta presteza aparelhadas do necesario quanto podem dizer os capitães que nelas andavão e ser notorio andar eu descalço metido na vasa lançando as fustas ao mar e mandar tanta gente tendo hũa carta do governador en que dizia que mandase cem homens.

Eu me oferecy ao governador e lhe pedi que me deixase yr com ele ao socorro de Dio e não quis por estar ho Abramaluquo no campo com muita gente seis leguas de mym e Baçaim com hũa povoação mui grande e espalhada e por ser mais serviço de Sua Alteza ficar en lugar tam fraquo e que inportava tanto sem gente que hir com ho governador com todo o poder da India ho fiz e lhe aparelhey toda sua armada e mandey

com ele hum gualeam meu ha minha custa e outros navios grosos de Baçaim e doutras partes que lhe ahí aparelhey e enchi de gente da mesma fortaleza.

No anno seguinte veio ho governador fazer guerra a Canbaia e por Baçaim estar de paz e ho Bramaluquo ser hido a el rrey de Canbaia e na frontaria das terras de Baçaim nom aver gente de guerra pedi ao governador que me deixase yr com ele e ele mo negou e quando isto vi lhe tornei a falar em pubriquo e a rrequirimento dos capitães e fidalguos que hiam com ele me deu licença e fuy com ele com trinta velas e a primeira cousa que ho governador fez naquella jornada foy mandar me sobre Balsar e ho tomei destrui e queimey e asi me achei com ele no campo de Barauche quando se vio com el rrey de Canbaia e o que fiz na entrada do luguar e honde me achei. *Seu* filho Dom Alvaro ho podera dizer e os que ahí se acharam e en todos os outros luguares e cousas que o governador fez me achei senpre com ele.

Ho governador me dise tornando a Baçaim que dese mesa por vir com ele muita gente e me mandou dar todo ho necessario ha custa de Sua Alteza e eu não quis tomar nada e a dey mui grande e isto fiz senpre des que cheguey ha India ate me partir pera este rreino sem tomar nada de Sua Alteza en que guastey mais de dezoito mil pardaos d'ouro e nunca dos governadores tive nenhúa merce em nome de Sua Alteza pera tamanhas despesas como he custume e cousa ordinaria fazer se a todos os que dão mesa e guastam em seu serviço de que tenho certidões.

(1 v.) Estando ho governador en Baçaim lhe mandou el rrey d'Adem pedir que ho socorrese e sobr'isto tomou o parecer de muitos homens e me mandou que falase primeiro e eu me offereci pera ho hir socorrer e que daria todo ho dinheiro que fosse necesario pera fazer a armada polo então hi não aver e assi o fiz como se pode ver por húa certidão que traguo de dinheiro que pera ysso dey e por Dom Alvaro de Crasto me mandar dizer da barra que tinha pouca gente na armada en que hia socorrer Adem eu lhe fiz embarquar muita ha custa de minha fazenda como ho ele podera dizer e poucas vezes se vio guastarem os homens o seu pera outros ganharem honrra se não for com muito guosto e desejo do serviço de Sua Alteza.

De Baçaim des que se começou o cerquo de Dio se fez a Canbaia senpre muita guerra e se lhe destruiu toda a costa e tomou e queimou grande quantidade de navios e casi todos os luguares e cidades que nela ha por Dom Dioguo de Noronha que eu mandey andar por capitão dela o primeiro ano e por Dom Jorge de Meneses no segundo en que entrou Barouche húa das milhores cidades de Canbaia e me trouxe a Baçaim cinquenta e tres peças d'artelharía de metal com as armas del rrey de Canbaia. E mandey a Dio infinita cal pera o fazer da fortaleza e se proveo de grande quantidade de mantimentos e munções como se pode ver per húa inquirição que ho governador diso mandou tirar e veo senpre ho governador ter a Baçaim com totalas armadas pera nele se aprece-

berem e aparelharem e daly se proveo Dio todo o tempo que aly estive de dinheiro e tudo o que era necessario. E se mandou socorrer Adem.

Estando me fazendo prestes pera me vir pera o rreino me derão hũa carta do capitão e officiaes de Dio en que me dizião como era morto Luis Falcão ha traição e que entrara loguo gente de guerra na cidade que estavam ainda arreceando mores males e me pedião que os socorrese. E polo caso ser tão novo em me dando o recado m'enbarquey com muitos fidalguos e las quãris de maneira que juntamente soube o governador Guarçia de Saa a nova da morte de Luis Falcão e ho socorro que lhe eu fazia de que ficou tão contente como se vera per hũa carta que dele tenho en que me pedia que estivese en Dio ate chegar Martim Correa e assi o fiz. E por ver que o feitor de Sua Alteza e os que tinhão fazenda se viglavão e guardavão metidos em suas casas con panelas de polvora e gente de medo de hos saquearem a estar tudo assi alevantado e postos neste trabalho polos las quãris nom terem que comer e a necessidade os não constringer a piores cousas dey mesa e comerião comiguo pasante de quatrocentos homens e com ysto e eu estar em Dio se amansou tudo. E foy este hum grande serviço que fiz a Sua Alteza pola gente que achey em Dio e a maneira de que estava aventurado como dirão os que neste tempo estavam na India.

Enquanto estive em Baçaim por se não deixar de fazer senpre o que cunpria a serviço de Sua Alteza lhe enprestey dezaseis mil pardaos como se vera polas certidões que diso tenho en que confesa o feitor que nunca lhe outra pessoa enprestou dinheiro senão eu. E por me Guarçia de Sa escrever que tinha nova dos rrumes e as grandes necessidades en que se via con que não podia aparelhar armada lhe mandey dizer que eu lhe oferecia vinte mil pardaos pera se fazer prestes e dey a carta aberta ao vedor da Fazenda Simão Botelho e em chegando a Quochim por me o vedor da Fazenda mostrar a necessidade en que estava de dinheiro pera a carregua eu lhe dey onze mil pardaos que me pediu sabendo que naquele proprio tempo estavam tirando devassa de mym por mandado de Sua Alteza que não foy pequena confiança de meus serviços e da muita virtude de Sua Alteza.

Nas rrendas de Baçaim acrecentey vinta tres mil pardaos d'ouro no primeiro arrendamento que fiz e dey de proveyto a Sua Alteza em não mandar rrecolher as rrendas de Baçaim por ho feitor como ho governador m'escrevia que fizese mais de setenta mil pardaos d'ouro e de tudo ysto tenho certidões e estromentos de seus officiaes.

Ho serviço que fiz a Sua Alteza nesta nao en que vim he tão notorio que ey por escusado falar nele abasta que nunca tamanhos trabalhos se pasarão em nao e que veo a este porto parecendo a muitos que me devia d'ir ao Brasil e fazer outras cousas muitas que eu não fiz.

(2) E hũa das mais principaes cousas en que Sua Alteza pode ver como ho servy e o credito que tinha na India que ho governador não sendo meu amigo no proprio tempo en que me estava mandando dizer

que não fosse a sua casa por sua doença yr avante e ser necesario dar despacho aos negocios me pasou húa provisam en que me encarreguava todo ho negocio da India porque não pode tanto ho odio que mais não pudese ha obrigaçam que ele tinha ao serviço de Sua Alteza e meus serviços. E me tornou a mandar pedir que fosse a sua casa confesando quanto me devia por ho seu confesor e mestre Francisco e Vasquo da Cunha e eu o fiz como se pode ver per hum escrito que deles tenho.

Ora meu irmão Dom Francisco de Meneses esteve em Africa quatro annos en que pelejou muitas vezes e entrou ho rio de Tutuão e queimou e trouxe todos los navios que hi avia que ate aly ninguem fizera e estando na India podendo entrar em Baçaim loguo por Dom Estevão yr ao Estreito queimar a armada do turquo e querer yr com ele lhe requirio Dom Manuel de Lima que não fosse la e entrasse em Baçaim. E meu irmão o não quis fazer e ouve por melhor perder delle ho tempo que andase servindo Sua Alteza naquela jornada que ficar então em Baçaim fazendo proveito e sem trabalho. E por hir com Dom Estevão servir a Sua Alteza perdeo hum ano da dita capitania e tanto que entrou nela por achar perdidas duas fortalezas das terras de Baçaim que rrendião muito. As mandou tomar e por as cerquarem tres capitães do Yzemaluquo com muita gente de pee e de cavallo lhe foy forçado socorre las e pelejou com eles no campo e os desbaratou e ficarão aly dous deles mortos. E foy este hum dos mores feitos que se fez na India de que Sua Alteza tem oge em dia seis mil pardaos de rrenda que lhe pagua ho Yzemaluquo por concerto de lhe fiquarem as fortalezas. E avendo oito annos que andava servindo Sua Alteza nestes serviços taes foy socorrer Dio e en chegando os mouros rrecolherão a maior parte d'artelharia e o dia que saíram fora halem das paredes com alguns poucos que com ele as passarão. Morreo pelejando no campo has lançadas. Com sua morte começarão o cerco de novo e tornarão a por a artelharia que tinham tirado não porque matasem naquele dia quinhentos homens mas polo favor que tomarão da sua morte.

E avia tres annos que el rrey nosso senhor ho detinha na India escrevendo lhe cada anno que se não viesse e lho mandava dizendo lhe que cunpria assi a seu serviço e que lhe faria merce e outras muitas palavras muito pera estimar e de que ele fez tanta conta e fundamento que morreo polo servir e vaguarão por sua morte perto de trezentos mil reais con que Sua Alteza satisfez outros serviços.

Destes tamanhos serviços de meu irmão e dos meus quando estava esperando por satisfação deles e vy a Sua Alteza encher a India de merces que mandou aos que ho la servirão a merce que me fez foy mandar devassar de mym e sobcessões novas em Maio fora de tempo que foy hum grande preguam de minha desonrra por hir tudo junto. E atêguora desta hidade sirvo sem moradia dando a Sua Alteza a meus primos conirmãos todos netos duns mesmos avoos. E por minha may não de menos qualidade e ha Sua Alteza a eles por do seu sangue e a mym não.

E fuy ha India de muitos annos con Baçaim que muitos não querião sem outra nenhũa merce nem enprestemo sendo cousa tão hordinaria faze las Sua Alteza aos que ho vam servir em jornada de tantos trabalhos polo qual pedi a Sua Alteza que me fizese a merce e honrra que hos serviços de meu irmão e meus lhe merecem.

E isto he o que a Vossa Merce ha d'alenbrar.

(R. S. C.)